

O NEGRO NO FUTEBOL AMADOR NO CAMPO DO SPORT

MENDES, Sâmya Alexandre¹
GONÇALVES, Alana Mara Alves²

RESUMO:

O presente trabalho consiste num estudo que foi realizado durante a 1ª Copa Arena Seminário 2017, ocorrida em um campo de futebol (Campo do Sport), no jogo de Barro Branco X Celebridade, na cidade de Crato-CE. Tem como objetivo analisar a participação da população negra no futebol amador no campo Sport, quais os motivos que levam esse grupo a praticar esse esporte, quais os problemas que os mesmos têm que ultrapassar para poderem realizar tal posição, e como o futebol se tornou uma profissão tão almejada por toda a população. O futebol, em sua totalidade, é um fenômeno cultural revelador da nossa sociedade. Pode-se concluir o caminho percorrido pelo negro no futebol brasileiro e o racismo que fez e que faz parte ainda hoje desse esporte. De forma geral, percebe-se uma grande quantidade de conhecimentos a respeito do tema, justificando e explicando a forte presença do negro no futebol amador e profissional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Racismo e Negros.

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do mundo. Milhões de pessoas acompanham, seja nos estádios ou pela televisão, as partidas disputadas entre equipes do mundo todo. Esse esporte é marcado por muita provocação entre torcidas em relação às goleadas, títulos e situação no campeonato. Existem também grandes rivalidades entre os times pela disputa das taças e troféus.

O futebol, seja nos campos, nas quadras, nas ruas com golzinhos, nas portas das casas, ou onde quer que seja jogado, é um esporte que cria emoções em qualquer faixa etária. As pessoas cantam os hinos, gritam e pulam na hora do gol contra o time adversário, as torcidas soltam fogos, provocam, choram, se alegram e os estádios lotam.

A disciplina de Bases Sócio-Antropológicas Aplicadas a Educação Física do curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri tem como um dos seus critérios avaliativos um artigo, a ser produzido a partir do tema futebol. Ainda com relação a esse tema, fomos orientados a selecionar, dentre as categorias do futebol, o amador ou o

1 Discente do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: samya.mendes@hotmail.com

2 Docente do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: alana-urca@bol.com.br

profissional.

Objetivamos, com esse estudo, analisar a influência da população negra no futebol amador do Campo Sport e avaliar quais os motivos que levam esse grupo a praticar esse esporte. Visa também entender a relevância do racismo historicamente presente na sociedade brasileira, quais problemas que os mesmos têm que ultrapassar para poderem realizar tal posição, e como esse esporte se tornou uma profissão tão almejada por toda a sociedade.

Este artigo é uma pesquisa qualitativa, caracterizada pela revisão de trabalhos científicos, juntamente com uma descrição etnográfica. Este trabalho foi realizado em agosto/setembro de 2017. Uma seleção de estudos foi realizada, considerando autores, títulos do estudo, ano de publicação, tipo de estudos e objetivos para serem relacionados a análise feita.

O jogo analisado aconteceu no dia 26 de Agosto de 2017, na cidade de Crato-CE, durante a 1º Copa Seminário, organizada pelo “Cariri Esportivo – Equipe Dr. Leitão”, com duração de três meses, sendo este o quinto jogo do campeonato. Os times disputantes eram o time Celebrities contra o time Barro Branco. O jogo foi iniciado às 14:34 no Campo Sport, localizado no bairro Seminário, situado na área considerada periferia da cidade, sendo assim um bairro muito popular e populoso.

O RACISMO NO FUTEBOL

Figueiredo da Silva, autor do livro “Racismo no futebol”, descreve que o futebol, assim como os Jogos Olímpicos, era considerado um resgate dos valores gregos, a união da inteligência com beleza corporal, uma mistura de racionalismo com o ideal de conquista.

O primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895, entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Os funcionários também eram de origem inglesa. Este jogo foi entre Funcionários da Companhia de Gás X Cia. Ferroviária São Paulo Railway. O primeiro time a se formar no Brasil foi o São Paulo Athletic, fundado em 13 de maio de 1888. (FIGUEIREDO, 2015).

De acordo com a afirmação de Marcelo Carvalho, criador do Observatório contra a Discriminação Racial no Brasil, o racismo sempre esteve presente na história do futebol profissional e amador. Em 1921 o presidente da república da época, Epitácio Pessoa, junto com os diretores da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), decidiu que apenas jogadores de pele mais clara e cabelos lisos fossem convocados. Mesmo Pessoa

negando tal fato, o corte do jogador Luís Antônio da Guia comprovou a veracidade da história.

Filho de um alemão com uma brasileira negra, Arthur Friedenreich foi o maior jogador brasileiro na época do futebol amador. Autor do gol que daria o primeiro título à Seleção Brasileira, o Sul-Americano de 1919, Friedenreich era mulato e tinha olhos verdes. antes de entrar em campo, o atacante esticava o cabelo rente ao couro cabeludo para parecer “mais branco”. (MARCELO, 2017. Pág.01).

Apesar do elitismo, aos poucos, o futebol foi conquistando a preferência popular. Negros, mulatos, trabalhadores e desempregados passaram a olhar com mais interesse a novidade. Todos podiam estranhar, no início, aquele espetáculo de 22 pessoas correndo atrás de uma bola. (FIGUEIREDO, 2015).

O Vasco foi o primeiro time a aceitar negros sistematicamente, o que levou Fluminense, Flamengo, Botafogo e América a fundarem uma liga separada, a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), deixando o Vasco, que havia sido o campeão carioca em 1923, na LMDT (Liga Metropolitana de Desportos Terrestres). A Ponte Preta, nascida no bairro operário do mesmo nome (o que facilitava a presença de negros), em Campinas, se gaba porém de ter escalado um centro-médio negro, de nome Miguel do Carmo, logo após a fundação da equipe, em 1900. Se é verdade, Miguel do Carmo, nascido em 1885, três anos antes da abolição da escravidão, era ainda um adolescente. (FIGUEIREDO, 2015).

Já o Fluminense, clube de elite, tem o curioso episódio do mulato Carlos Alberto, que passava pó de arroz no corpo para disfarçar a cor da pele. Com o correr dos jogos, o pó de arroz escorria, revelando a impostura. Por causa de Carlos Alberto, o Fluminense ficou até hoje com o apelido de “pó de arroz”. Os negros e demais cidadãos pobres brasileiros não eram aceitos nos grandes clubes, pois a herança colonialista e escravista ainda era muito forte nas nossas estruturas sociais, e o futebol absorveu essas influências. O racismo foi o traço mais presente nas conjunturas iniciais do futebol brasileiro, refletindo assim, mesmo que indiretamente, nos dias atuais.(FIGUEIREDO, 2015).

Francisco Carregal, que utilizava um uniforme impecável para diminuir o preconceito por ser negro em um esporte da elite branca, foi o primeiro de muitos atletas negros no Bangu. Meses depois o time já contava com operários e negros juntamente com os ingleses.(MARCELO, 2017. Pág.01).

O futebol não é, como alguns acreditam, um espaço onde existe democracia racial. Isso é um mito. Os negros estão sub-representados nas esferas de poder do esporte. São pouquíssimos os afrodescendentes que ocupam funções de dirigentes ou técnicos em grandes times. Aos negros estão reservadas funções dentro de campo, onde as suas alegadas habilidades físicas são aceitas e até elogiadas, mas com uma carga ideológica clara. Ou seja, a mensagem subliminar é a seguinte: lugar de negro é no campo de jogo e somente nele.

Os gritos de “macaco” direcionados por alguns torcedores do Grêmio ao goleiro Aranha, do Santos, na noite do último dia 28 de agosto, fizeram da Arena gaúcha um enorme espelho. Ali, refletiram-se atitudes de uma sociedade que ainda não conseguiu superar a barreira do racismo. Explícito naquelas arquibancadas, tal comportamento, porém, não é exclusivo dos estádios de futebol no país. (LEONARDO, 2014.Pág.01).

O racismo presente no esporte é o mesmo presente na sociedade brasileira, desde sempre. O Brasil traz uma herança escravista muito forte. O que tem ocorrido mais recentemente é que esses atos têm sido levados a público com mais frequência – afirma o pesquisador Manuel Alves Filho, do Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).(FIGUEIREDO, 2015).

Sabendo que o racismo é algo inconsciente e implícito, torna-se difícil pesquisá-lo em documentos escritos. Se recorrermos aos procedimentos orais da história, poderemos denunciar os inúmeros casos de racismo que acontecem nos gramados, nos vestiários e os que partem das arquibancadas, como também ativar a voz da comunidade negra no futebol. Em seguida, por meio de vários autores, é possível entender o futebol em sua totalidade, como um fenômeno cultural da nossa sociedade.

Os métodos propostos em várias disciplinas como antropologia, história, sociologia, psicologia e linguística só têm a contribuir, quando trabalhados em conjunto, para o entendimento do futebol como um fato social total. Aliás, essa é a marca do GIEF (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol), por ter membros das várias áreas e que, dessa maneira, motivam leituras diversas e enriquecem as discussões nas reuniões. Nos campos de várzea, o jogador negro construiu seu próprio estilo de magia e arte ao futebol brasileiro. Os negros jogavam com mais ginga, com mais habilidade e reinventando os espaços, afinal o drible não é outra coisa que a criação de espaço, onde espaço não existe.

Uma das coisas mais cativantes no futebol é a memória afetiva. Um goleiro ou um centroavante que vimos na infância, um gol, um drible, a camisa de um time. Enfim, a nossa relação com o futebol é intermediada pelo evocar dos primeiros alumbramentos com a bola. (RIBEIRO *apud* SUZUKI JÚNIOR *et al.*, 2004. Pág.104).

“A adoção do profissionalismo no Brasil foi motivada por uma série de processos internos, mas ganhou força pela influência crescente do futebol estrangeiro.” (MARCELO, 2017. Pág.01). Ao perceberem isso, os clubes grandes realizaram um arrastão nos clubes das Ligas Negras. Contudo, a proibição de convocar jogadores negros criava um problema para técnicos. Uma seleção de atletas com habilidade, porte físico e vontade de jogar bola ficava de fora dos gramados. As regras da época não permitiam que os jogadores fossem renumerados, e sem berço de ouro, os negros precisavam trabalhar.

Com toda superação das tradições antiquadas conquistadas ao decorrer dos anos, os negros começaram a ser implantados no mercado financeiro do futebol, começando assim a visar um novo jeito eficaz e satisfatório de conseguir uma renda financeira. Além do prazer em se profissionalizar naquilo que já conhecem e gostam desde a infância, o único esforço preciso era o aprimoramento de suas habilidades.

Compreendendo que os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante, Getúlio Vargas através da legislação social e trabalhista, em 1934, regulamenta o futebol como profissão. Os atletas agora eram reconhecidos como empregados e com isso tinham toda cobertura legal, sob a égide do recém-criado Ministério do Trabalho. (MARCELO, 2017. Pág.02).

Esse evento permitiu que o futebol ocupasse um importante espaço na sociedade, construindo assim a sua identidade nacional. A democratização do futebol permitiu não só a aproximação de classes, mas integrou definitivamente na sociedade os excluídos pela cor de sua pele. Surgindo assim os primeiros grandes ídolos, como Leônidas.

Hoje o futebol no país é um esporte tipicamente popular, jogado por pessoas de origens sociais distintas. Contudo, ele é percebido de maneiras também distintas. Para um negro pobre, com poucas oportunidades, o futebol, muitas vezes, apresenta-se como um importante caminho de invenção de mercado para ascensão social. (MARCELO, 2017. Pág.03).

O NEGRO NO FUTEBOL AMADOR NO CAMPO DO SPORT

Decidi pelo futebol amador na cidade de Crato-CE. Apesar de o futebol amador nunca se fazer presente de nenhuma maneira na minha vida pessoal, o motivo pelo qual escolhi este aspecto foi pela sociedade tratar o nosso país como “O país do futebol” reconhecido assim não só pelos brasileiros, mas por todas as sociedades existentes.

Por meio da curiosidade, busquei entender a forte presença dos negros no esporte, quais os problemas que os mesmos têm que ultrapassar para poderem realizar tal posição, como o racismo se fez presente no futebol e como esse esporte se tornou uma profissão tão almejada por toda a população.

Optei por explorar o tema proposto devido à forte porcentagem da raça negra no jogo assistido, estando eles como quase totalidade da população ali presente. Hoje o futebol é reconhecido como o “esporte mais popular do Brasil”, capaz de unir pessoas de diversas etnias e classes sociais, um importante instrumento de inclusão social. Entretanto, o esporte não chegou assim ao país. Por volta de 1984, quando chegou ao Brasil, através dos estudantes de classe alta, que retornavam do Reino Unido com bolas e chuteiras na bagagem, o futebol era elitista e praticado por clubes de engenheiros e técnicos ingleses, além de jovens da elite metropolitana que compareciam nesses espaços.

Era notório todo o envolvimento da população negra naquela copa. Durante todo o jogo, todos exerciam seu papel, garçons apanhavam as bolas, técnicos cuidavam das regras, torcedores gritavam, crianças se divertiam, vendedores ambulantes mercantilizavam seus produtos, o locutor narrava todos os lances, e todos eles constituíam um grupo negro ali presente.

O jogo amador era fechado, ou seja, tinha uma organização envolvida, presença de uniformes, chuteiras, bolas profissionais, árbitros, etc. Lá estavam presentes os Bombeiros Civis, a Polícia Militar, os Guardas Municipais e veículos do Ministério da Saúde. O espaço também possuía banheiros químicos e tendas de apoio às equipes. Perto de uma das extremidades onde o gol ficava, havia um minicampo de futebol e vôlei de areia, onde crianças brincavam.

É importante ressaltar a influência dos pais jogadores sobre os seus filhos, induzindo as crianças a assistirem todos os jogos regionais que os mesmos atuam como jogadores. Essa influência desperta nessas crianças o interesse pelo futebol amador, inicialmente como lazer, mas futuramente como uma profissão. Durante todo o jogo analisado, as crianças jogavam ao lado, em um pequeno campo de areia, situado em

umas das extremidades do campo oficial. Eram motivados pelos passes, lances e dribles apresentados pelos jogadores dos times, eles não só se divertiam, mas já possuíam instinto coletivo e competitivista.

Segundo Machado et al. (1997), a participação dos pais em jogos, treinos e diversos outros afazeres, faz com que a criança tenha uma resposta a tal presença. É na fase de iniciação esportiva que acontecem as grandes influências dos pais e familiares sobre a criança, determinando inúmeros aspectos, inclusive se a criança irá ou não gostar do futebol, isso devido à grande cobrança que a maioria delas sofre dos pais.

É bastante comum ver a forte presença dos negros nos jogos amadores da cidade de Crato, e nos times profissionais da região. Os negros estão presente não só como jogadores, mas como organizadoras, torcedores e árbitros. Todos buscam demonstrar com alto nível de perfeição as suas habilidades individuais, para melhor se destacarem sobre os seus adversários, conquistando assim a fama e sua carreira profissional.

Uma das justificativas que caracterizam a pouca presença dos brancos no jogo analisado é o fato de os mesmos frequentarem com muita assiduidade os campos society, os quais são particulares. Relevando, nesse ato, a diferença de classe social presente entre as duas raças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, fica claro a evidência de que o negro foi aderido à prática esportiva depois de muitas lutas e derrotas, e com forte presença do racismo até os dias atuais. Porém, pela forma como comprovaram a sua desenvoltura como jogadores habilidosos e capazes de realizar essa profissão com total domínio, são merecedores de tal posicionamento hoje conseguido.

A partir da análise de dados obtidos mediante o jogo assistido e com informações sobre os jogos da região, partindo-se do ponto de vista do alto índice de participação dos negros nesse esporte, conclui-se que o futebol é visto não só como uma forma de lazer momentânea, mas como forma de renda financeira, e que o racismo pode sim ser acabado com a ajuda das disciplinas metodológicas que esclarecem que o futebol é sim uma totalidade e um fenômeno cultural da sociedade. De forma geral, percebeu-se uma grande quantidade de conhecimentos a respeito do tema, justificando e explicando a forte presença do negro no futebol amador e profissional brasileiro.

REFERÊNCIAS

GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2010.

GORDON JÚNIOR, Cesar. **História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo**. In: MURAD, Maurício. (Org.). Futebol: síntese da vida brasileira. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro: Eduerj, n. 3/4, p. 65-78, 1996.

MAURÍCIO DE FIGUEIREDO. **O Racismo no Futebol e a Omissão das Autoridades**. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/o-racismo-no-futebol-e-a-omissao-das-autoridades>>. Acesso em: 07 de set. 2017

MARCELO CARVALHO. Inserção e Racismo: O Negro no Futebol Brasileiro. **Observatório de Discriminação Racial no Futebol**, Páginas 01-60, Porto Alegre, Março, 2016.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **O futebol no campo afetivo da história**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.99-111, setembro/dezembro de 2004.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSSI, Jones. **Guia politicamente incorreto no futebol**. São Paulo: LeYa, 2014
“Complexo de Zé Carioca”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, número 29, 1995.